

Messianismo e resistências marcam a história dos Kiriri

Devido à pressão dos invasores das terras kiriri, em Mirandela, no município de Ribeira do Pombal (BA), no mês passado, equipes do Incra e da Funai, que faziam o levantamento das benfeitorias na área, abandonaram a região. No século passado, na mesma área, uma história semelhante. Com a pressão insuportável daqueles que queriam suas terras, muitos Kiriri abandonaram a área e acompanharam o messiânico Antônio Conselheiro, na busca de paz e do fim da perseguição.



José Lopes Júnior

Kiriri hoje: unidos para garantir a terra e a cultura; ontem, em fuga pelos caminhos de Antônio Conselheiro

Desde a chegada dos portugueses no agreste baiano, os Kiriri resistiram para manter sua identidade étnica. A garantia da terra sempre foi ponto fundamental nesta resistência. Mas acossados por fazendeiros e acoados, muitos Kiriri abandonaram a região de Mirandela, onde sempre viveram, para seguir o messiânico Antônio Vicente Mendes Maciel, o lendário e polêmico Antônio Conselheiro, que encabeçou a Guerra dos Canudos. Hoje, comprovações históricas estão sendo levantadas, mostrando que, além dos Kiriri, os Kaimbé e os Tuxá seguiram Conselheiro na empreitada. Apenas uma índia velha e seu neto conseguiram sobreviver, fugindo mata adentro.

A participação indígena na Guerra dos Canudos facilitou invasões em suas terras, pois ao fim do movimento as áreas mais férteis haviam sido tomadas por latifundiários. Além disso, surgiram fortes interferências nos costumes e na própria língua, mas é inquestionável que esses grupos étnicos assim como os desabrigados em geral, quando não vêem saída para suas carências, recorrem às formas mais extremas para uma mudança.

A CIDADE COMUNITÁRIA

Foram vinte anos que Antônio Conselheiro peregrinou pelo nordeste e, mesmo recebendo críticas pelo comportamento messiânico que utilizou para agrupar camponeses e criar uma sociedade igualitária, ainda conseguiu organizar quatro levantes contra coronéis donos de terras, proprietários de engenhos, grandes pecuaristas e políticos. Para ele, não faltaram definições como "louco, desvairado, alucinado, inconseqüente ou bandido". Construindo capelas, cemitérios, açudes e barragens, em 1883 Conselheiro comandou o início da construção da cidade de Canudos, onde anteriormente era uma extensão de terras devolutas das mais secas do nordeste, cortada pelo rio

Vasa Barris e que em poucos anos se tornou uma das maiores da região, com 25 mil habitantes. Os Kiriri, quando Conselheiro passou por Mirandela, não hesitaram em segui-lo: "Alguns índios ouviram sua pregação, chamaram outros índios e seguiram com ele em romaria até a nova sociedade", afirmam alguns Kiriri.

Os propósitos de Antônio Conselheiro para a divisão de terras, a volta das experiências comunitárias do cristianismo primitivo ou a luta pela libertação e autonomia dos trabalhadores do campo provocou a ira dos políticos e fazendeiros que, além de ver ameaçadas suas propriedades e poder, ainda perdiam a mão-de-obra camponesa. Os padres e bispos não firmaram aliança com Antônio Conselheiro e, durante os choques sistemático e violentos, escondia-se o principal motivo da Guerra dos Canudos, enquanto Conselheiro era responsabilizado pela tentativa de derrubar a República e restabelecer a Monarquia.

CINZAS

Além das expedições contra Canudos, os coronéis pediram ao governador da Bahia, Luiz Viana, a matança daquelas 25 mil pessoas, o que foi aceito sem apuração dos fatos e sem análises sobre o valor daquela experiência para as populações pobres. A quarta expedição, formada por contingentes da polícia e Exército, reunindo milhares de homens utilizando canhões, conseguiu destruir a cidade comunitária. Assim, em 5 de outubro de 1897 a Guerra dos Canudos teve seu final: "Canudos virou cinzas. Degolaram até o último sobrevivente. Nem as crianças foram livres da degola. A ordem era: abater até os galhos de pau para não deixar sequer a lembrança daquela organização". Treze dias antes do término da guerra, Antônio Conselheiro morreu, mas a pedido do general João da Silva Barbosa, sua cabeça foi decepada.

SÉCULO XX

O território Kiriri atualmente divide-se entre as comunidades denominadas Sacão, Lagoa Grande, Cacimba Seca, Baixa da Cangalha, Cantagalo, Lagoa Seca e Baixa do Juá. Desde a metade do século XVII foram aldeados, pelos jesuítas, na localidade de Saco dos Morcegos, hoje Mirandela e, em novembro de 1700, lhes foi assegurada esta área, através de Alvará Régio. Mas as invasões iniciadas pelos portugueses continuaram sendo feitas e, apesar de, na década de 50, o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) fundar um posto, em Mirandela, a questão da terra não foi resolvida. No início de 70, além do alcoolismo, alta taxa de mortalidade, rivalidade entre aldeias e falta de liderança, os regionais continuavam explorando e humilhando os indígenas.

Em 72, os Kiriri elegeram Lázaro Gonzaga cacique. A partir daí, um maior empenho nas reivindicações foi verificado, o que estimulou a Funai a iniciar o processo da demarcação, trabalho concluído em 1981, com o acompanhamento da Polícia Federal. Tal demarcação, entretanto, não foi homologada e assim, o território Kiriri continua sem garantia, enquanto acontecem os choques entre eles e os posseiros.

Se no século passado índios e colonos estiveram juntos, sentindo na pele a evidência e origem das violências, hoje, no século XX, a sutileza e burocracia das decisões governamentais provocam a desagregação e autodestruição entre eles. Decisões morosas ou não decisões, que escondem a responsabilidade governamental nesses incidentes, pois se a demarcação da área houvesse sido homologada e fosse determinada uma proposta séria de reforma agrária, não haveria necessidade para que o cacique Lázaro solicitasse da Funai medidas de segurança para os Kiriri, "que correm o risco de alguma emboscada dos colonos".